Ano 28.º | Sábado, 11 de Janeiro de 1936 | N.º 1405

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

A nossa ascensão

=o=

O sr. Presidente do Conselho, imperturbável na sua conduta, embora atento às necessidades do país e sempre dispôsto a remediar as dificuldades do seu povo, não descansa um momento na faina ingrata de salvar Portugal e segue, ininterruptamente, o caminho difícil da política de verdade.

É a ascensão dolorosa dum calvário. No cimo podem morrer os homens, mas redimem-se as pátrias.

Foi êle quem o disse, em 9 de Junho de 1928, no Quartel General de Lisboa, quando agradecia, diante do Governador Militar, os cumprimentos que os oficiais lhe dirigiram, por ocasião do 2.º aniversário do 28 de Maio.

No acto da posse de Ministro das Finanças, em 27 de Abril do mesmo ano, tinha êle estabelecido as condições da reforma financeira. Nêste segundo discurso, o do Quartel General, enuncia os problemas nacionais e a ordem da sua solução.

Mais tarde, em 21 de Outubro de 1929, falou sôbre a «política de verdade, política de sacrifício e política nacional».

E em 28 de Maio de 1930 pronuncia o célebre discurso da Sala do Risco sôbre «Ditadura administrativa e revelução política».

Êstes quatro discursos, citados propositàdaments e segundo a ordem cronológica, traduzem, na doutrina anunciada e nos processos seguidos, todo o esfôrço admirável do nosso ressurgimento e as qualidades do homem, que concebeu e mantem o plano grandioso da sua realização.

Entrou a pedir sacrifícios e muita confiança, «uma confiança absoluta, mas serena, calma, sem entusiasmos exagerados nem desânimos depressivos», na sua inteligência e na sua honestidade.

Começa, depois, a seguir a ordem da solução dos problemas nacionais e, na ascensão dolorosa do calvário, consegue, em breve, o equilíbrio das contas públicas, que, com as novas possibilidades do orçamento, nos ajuda a resistir à crise geral do mundo e facilita a resolução do problema económico.

Essa ascensão, porém, é feita em nome de Portugal, do bem-comum, apenas, e os sacrifícios pedidos encontram logo uma compensação moral na política de verdade, que torna o Estado Novo pessoa de bem e esclarece os portuguêses àcêrca da ordem, da justiça e do patriotismo de todas as manifestações do govêrno da Nação. Mas a crise era total — nas finanças, na economia, no social e na política.

Á miséria material correspondia a desordem moral e, se a primeira nos levou à bancarrôta, a segunda deixou-nos a maior depravação nos costumes e hábitos ou preconceitos que prejudicaram fundamente a nossa vida espiritual.

Salazar assim o compreendeu e, na ânsia de salvar o país, deu a todos a certeza de que a ditadura não podia ser, apenas, administrativa. E esboça, então, naquêle memorável discurso da Sala do Risco, o verdadeiro plano da Revolução e continúa a reedificar, sôbre os alicerces seguros das finanças, o edifício maravilhoso da reconstrução nacional.

«Temos uma doutrina e sômos uma fôrça»—já podíamos dizer—e, a partir dessa data, alargámos as nossas aspirações, no sentido de resolver também o problema político-social.

Salazar passa, no dia 5 de Julho de 1932, para a presidência do Conselho, a 19 de Março de 1933 é aprovada a nova Constituïção e em 23 de Setembro do mesmo ano, publica o Estatuto Nacional do Trabalho e a restante legislação referente à Organização Corporativa.

A ascensão foi, realmente, dolorosa mas a Pátria estava salva!

E a confiança, nêle depositada serviu-nos, àlém disso, de lição e contribue ainda hoje para o saneamento moral, indispensável à obra de reconstituïção económica.

Não podemos, certamente, concluir que a crise económica está resolvida e as relações sociais sejam, apenas, mantidas com eqüidade.

Mas ninguém póde, honestamente, afirmar que não há mais possibilidades financeiras, mais fomento económico, mais ordem política e mais justiça social.

E a Revolução continúa...

Portugal impõe-se, de novo, ao estrangeiro pela originalidade e firmeza da sua governação e esta dá aos portuguêses a certeza de que a vitória será completa em todos os departamentos da vida nacional.

O Estado Novo continúa, pois, e Salazar, imperturbável na sua conduta, continúa também a trabalhar a bem do comum, com abnegação, desinterêsse e patriotismo.

É essa a sua grande fôrça e só com essa fôrça, na verdade, é que êle se impõe cada vez mais a todos nós e consegue criar, sôbre a reconstrução económica geral, uma nova mentalidade e um patriotismo novo, que reeducam os homens e disciplinam a Nação.

C.

Dr. Leonardo Coimbra

—o—

Excedeu, em imponencia, toda a espectativa, o funeral do ilustre morto, dizendo os jornais diários que foi uma grandiosa manifestação de pezar em que tomou parte tudo quanto o Porto conta de mais representativo—no professorado, nas letras, na academia, no comércio e nas classes populares.

Devemos lembrar que o homem que assim foi homenageado pertence ao numero das muitas pessoas de bem que o *grande panfletário* tem pretendido aniquilar, sem o conseguir. E nisso consiste toda a nossa vingança...

Registo Civil

—o—

Está-se procedendo de novo á mudança desta repartição que por todo o corrente mês ficará instalada no prédio que na Avenida Central mandou construir o falecido industrial sr. Jaime Rodrigues e onde também já funciona a delegação do Desemprego.

Oxalá que as novas dependencias satisfaçam em comodidade o pessoal e o público.

Contribuições

—o—

Os avisos para pagamento das contribuições ao Estado trouxe a toda a gente a convição da prática de um mau serviço, que necessita rectificação.

Ficâmos aguardando. Tal a justiça que se nos afigura devida á maior parte dos reclamantes.

Homenagem

—o—

Os srs. tenentes Sergio Vieira e Carlos Maria do Carmo, primeiro e segundo comandantes da Polícia de Coímbra, foram ultimamente homenageados naquela cidade pelos relevantissimos serviços ali prestados e aos quais a imprensa faz referencia em termos elogiosos.

O sr. tenente Carlos Maria do Carmo é muito conhecido em Aveiro, aonde casou, e por isso reproduzimos a noticia, congratulando-nos e felicitando-o pela maneira como está senoo apreciado na terra universitária de honrosas tradições, fidalga, em extremo acolhedora.

O DEMOCRATA ***vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO***

Efemérides

11 de Janeiro

1862—Nasce, em Barrancos, Higino de Sousa, que, como estudante e depois de formado em medicina foi um dos melhores elementos do Partido Rèpublicano.

1891—A Inglaterra envia um *ultimatum* a Portugal, que dá origem ás mais ruidosas manifestações patrióticas.

1898—O Conselho de Guerra, em França, absolve o comandante Esterhazi, considerado a *alma negra* da célebre questão Dreyfus.

Coisas e tal...

Lembrou-me hoje — e nós temos às vezes cada lembrança! — como seria infinitamente sensaborona a vida se não existissem as côres.

Se tudo fôsse branco translúcido (partindo, nêste caso, da hipótese de que o branco não era côr alguma) seria curiòsamente cómico o aspecto de tudo que nos cerca e daria, com certeza, lugar às mais disparatadas e tristes confusões.

Mas não. O branco é côr; ela resulta das outras sete, e com elas a natureza criou milhares de tonalidades que embriagam deliciosamente os nossos olhos.

A côr dá-nos, então, ora a sensação mais requintada de prazer ao contemplarmos uma maravilha pitoresca, ora o contrariado dissabor de uma desagradável impressão.

E, com êstes contrastes de percepção, nós distinguimos as côres agradáveis das desagradáveis, muito embora se não possa fazer uma escala de classificação porque essa seria diferente para cada individuo ou grupo de individuos segundo a sua sensibilidade, educação, cultura, etc.

Desta fórma poderemos chegar à conclusão de que todas as côres são bonitas, e todas as côres são feias consoante os olhos que as olham e até as ocasiões em que são olhadas.

Por ser assim, todas as côres são olhadas com prazer, por uns ou outros olhos, mas a mesma côr póde agradar ou desagradar conforme o objecto a que é aplicada e o fim a que se destina êsse mesmo objecto.

Os quimicos, macaqueando nos laboratórios a natureza, trabalham para poderem com as drogas que a mesma natureza lhes dá, reproduzir em milhares de tons toda a sinfonia da côr.

Em vão!

E' infinita a escala!

E' infinitamente bela essa melodia de luz!

O que é, porém, curioso é o facto que, com surpreza de todos os quimicos, se acaba de constatar.

E' sabido que a mistura de duas côres dá uma terceira. Por exemplo: azul e amarelo, dão verde, etc. Mas, no que ninguém ainda reparou é que o azul e o verde dão—amarelo!

Pedimos atenção aos estudiosos.

Reparem em determinadas pessoas que passam amarelas.—Indaguem a razão. Obterão a resposta: foi com azul e verde!

Mas como foi isso possivel?

E então vem a explicação clara, firme, e é o ôvo de Colombo. A côr azul é isoladamente uma côr bonita. O mesmo temos que dizer do verde. Portanto, impressionam-nos bem. Mas quando o objecto ou objectos possuidores destas côres, são portadores de fórmas ou efeitos desagradáveis, e por fatalidade se juntam, a impressão causada é inversa e daí resulta a terceira côr — amarela.

Eis como, a partir desta data, a quimica precisa ser ampliada ou corrigida, e desta descoberta não tiro patente...

Ac.

BENEMERENCIA

—x—

O sr. alferes Alberto Exposto, actualmente residindo em Algés, tendo-nos enviado a importância correspondente à sua assinatura do ano de 1936, incluíu mais 10$00 destinados aos pobres do jornal.

Muitas vezes se tem repetido já êste acto de benemerência do sr. alferes Alberto Exposto, a quem expressâmos a nossa gratidão.

Ernesto Nunes Vidal

Agora tu, Calíope, me ensina
O que o Vidal fará em medicina!
Cá por fóra é vulgar
Vê-lo passar,
Duas lentes de aumento no nariz
P'ra transformar, de certo, Cedofeita
De rua morna e estreita
Num amplo "boulevard„ do seu Paris.

Paris! Paris! Que o Vidal
É miúdo, por seu mal,
Mas não cabe em toda a parte;
Já coube, quando criança,
Dentro duma condessinha
Quando o trouxeram de França,
A' França que êle hoje quer'
Voltar a vêr depressinha
Para lá ficar
A morar
Ou para, se aí se não der,
Voar talvez até Marte.

A Vénus, não, que a má sina
Faz
Que êste az
Da medicina
Traga em estado patológico
Permanente
O coração;
«Elas não ligam à gente»
Confessa e, psicológico,
Vai profundar a questão.

Certos chás... certos olhares...
«Nisso é melhor não falares»,
A musa diz, conselheira,
«Que se o fazes afligir
Nem lhe vale o elixir
Aos restos da cabeleira».

Graças a Deus... é ateu,
Tem um culto muito seu
Que não revela a ninguém;
É exaltado em ideias
(Daria o sangue das veias
P'ra as espalhar, mundo além).

Verde-rubro... rubro intenso...
À discussão é propenso,
Acautelem-se as direitas
Que as caras dos contendores
Da política nos ardores
Podem não sair perfeitas.

P. S.—A barrica de ovos moles
É melhor não a mandar;
Foi tardia a inspiração,
Devo o prémio recusar.

O que aí fica sôbre o nosso conterrâneo, que há pouco se formou em medicina, como notictámos, é arrancado ao livro de recordações académicas intitulado *5.º ano médico—1934-1935.* Trata-se dum aveirense e essa circunstância justifica o empenho que temos de o distinguir com mais uma prova da nossa admiração pelos seus méritos e outras qualidades, que lhe exornam o carácter, fazendo-o destacar no seio da academia do Pôrto, aonde ficou bem vincada a sua personalidade.

Poderá ser?

—o—

A imprensa estrangeira fez espalhar que o sabio quimico inglês, Henry Rhobes, de Liverpool, declarou aos jornais haver descoberto um elixir que obriga quem o bebe a dizer a verdade.

Mas isso é um terrivel invento para os maridos que enganam as mulheres. Sobretudo se o não vomitarem quando, á força, forem obrigados a toma-lo...

Se fosse em Portugal temos quasi a certeza de que um tal inventor era homem ao mar...

Pelo menos...

O TEMPO

=o=

Assim é que é: a obrigação faz-se na devida altura. Por isso ninguem deve estranhar que os temporais se desencadeem nesta época e as chuvas provoquem inundações pela sua abundancia.

Estâmos em pleno inverno. Deixa-lo prosseguir que é a Natureza a obrar.

Cá estamos

=o=

Esta frase é muito do *grande panfletário* quando reaparece para ajustar contas com os corvos...

Pois nós também cá estamos para o gosar e assistir aos seus espectaculos...

Este número foi visado pela Censura

As cheias

—o—

Prolonguem os molhes, se querem que as cheias não voltem a afogar a parte baixa da cidade—é a ultima do *grande panfletario*.

Mas aonde iria ele aprender tanta engenharia hidraulica?

Agora dá-lhe com os *molhes*...

Tem cada uma o sabio da rua da Sé!...

CORREIOS

—o—

O nosso serviço de administração do jornal, quer na cidade quer fóra, é todo feito por intermédio do correio, que, no que diz respeito á cobrança de recibos, acaba de bater um *record* digno de registo e de louvor. E' que, tendo sido entregues na estação de Aveiro, na tarde do dia 2, algumas dezenas de titulos, com verdadeira admiração vimos que o destinado a Vagos estava de volta no dia 4 de manhã e o que é mais—com todos os recibos liquidados.

Isto denota tão sómente que os funcionários das estações de aqui e de Vagos bem como o encarregado da cobrança em Vagos se completam pela demonstração que acabam de fazer da sua inexcedivel actividade.

O Democrata, assinalando este facto, importantissimo para a repartição em referencia, elogia os empregados que lhe deram origem, incitando-os a cumprirem sempre assim os seus deveres.

LUZ

Queixam-se-nos os moradores da Rua Araújo e Silva de que a parte desta artéria entre o quartel de infantaria 19 e a estrada de Ilhavo se acha mal iluminada e pedem chamemos a atenção dos Serviços Municipalizados de Electricidade para êsse facto.

Aqui nos têm, pois, e oxalá não seja preciso voltar ao assunto.

Original

Transmitem de Xangai que as autoridades chinêsas que desempenham funções na grande cidade do Oriente decidiram lançar uma taxa especial sôbre os *tickets* de dansa e empregar a importância obtida na compra de um avião que será oferecido ao Govêrno central depois de baptisado com o nome de *Dansarino voador*.

Hão-de concordar que os chinêses também se lembram de cada uma...

NOVOS SÊLOS

Acaba de ser criado um selo postal da táxa de 4$50, de côr vermelho, especialmente destinado á franquia das encomèndas postais, constando-nos que outros virão depois para serem aplicados á correspondencia aérea.

Tanta estampilha! E tão variadas!

As tabernas

Ha tanto quem diga mal delas! E contudo os inglêses estão desgotosissimos por que vai ser demolida uma que tem sete seculos de existencia e á qual chamam *George and Valture*.

Dizem eles que é uma recordação do passado, um relicário saûdoso por onde passaram soberanos, principes, militares célebres, poetas, artistas, nobilissimas senhoras da velha Inglaterra. Foi, assim, a referida taberna uma pousada envolta em tradições. E tanto que Dickens escreveu num dos seus quartos as melhores paginas dos seus romances. Não se trata, pois, duma taberna asquerosa e imunda como, no geral, são esses estabelecimentos entre nós. A taberna em questão era *chic*, de harmonia com a *élite* que a frequentava.

Os inglêses de Londres choram, por isso, a perda do famoso recinto visto terem passado por êle as mais famosas figuras da Inglaterra.

Damos-lhes razão.

Eclipse da lua

—o—

Deu-se na quarta-feira este fenomeno, mas foi invisivel entre nós por o firmamento se apresentar carregado de nuvens, começando a chover logo ao principio da noite.

Ainda assim muitos narizes andaram voltados para o ar...

Um denunciante é o peor dos homens.

(Conclusão tirada pelo *grande panfletário* e *eminente jornalista*.)

Liga Portuguêsa de Profilaxia Social

Prosseguem as conferencias

No Club Fenianos Portuenses o sr. dr. António Paul, ilustre assistente da Faculdade de Medicina e Presidente do Núcleo do Norte da Sociedade Portuguêsa de Estomatologia, fez também uma conferência subordinada ao título *A Assistência Estomatológica: seu valor Profilático.*

Presidiu o sr. Prof. Dr. José de Oliveira Lima, ilustre Inspector de Sanidade e Higiene Municipais, que convidou para a mesa os srs. dr. Ludgero Parreira, devotado professor escolar do Liceu Rodrigues de Freitas, Eng.º Orlando Valdez dos Santos, Prof. Augusto Gomes Oliveira, ilustre Inspector Escolar da Região do Pôrto, dr. Alberto Saavedra e dr. Gonçalo de Moura,

Depois de agradecer as palavras do presidente, o ilustre prelector inicia a sua conferência fazendo o elogio da Liga Portuguêsa de Profilaxia Social, á qual agradece a honra do convite.

Mostra, em seguida, vastidão e importância do assunto, que se vê obrigado a resumir, dado o não querer fatigar os ouvintes. Define a Estomatologia «ramo de ciência médica que tem por objecto estudar e tratar as doenças da bôca e seus anexos» e mostra quão erroneo é pretender separar a Odontologia da Estomatologia, visto aquela não ser mais que um ramo desta. Fala na dificuldade em fazer a sua profilaxia, pelos preconceitos ligados ás doenças da bôca e seu tratamento. Em geral só se procuram os especialistas quando há dôres ou outros incómodos subjectivos importantes. Mostra a necessidade de corrigir êstes modos de pensar, pois em geral são mais perigosas as doenças de evolução silenciosa do que as acompanhadas de sofrimento. Em tôdas as idades, as afecções estomatológicas (assim definindo as que têm início nos vários órgãos que esta especialidade abrange: dentes, língua, amígdalas, faringe, seios maxilares, etc.) concorrem grandemente para aniqüilar as energias físicas e morais do indivíduo e, por conseqüência, para diminuír o rendimento da sociedade.

Expõe breves noções de anatomia e fisiologia necessárias para a boa compreensão do seu tema. Passa depois a falar na importância, para esta especialidade, dos cuidados a ter com as grávidas, não só porque elas estão sujeitas a muitas infecções provenientes da bôca, como porque essas infecções também prejudicam a evolução do feto, na ocasião e no futuro. Refere importantes factos, anotados pela literatura médica, de infecções de sobreparte causadas por mau estado buco-dentário. Apresenta números estatísticos importantes do que tem observado no Dispensário de «Magalhães Lemos», onde está procedendo a estudos da sua especialidade em relação com a gravidez, lactação, etc.. Apresenta, em seguida, conclusões, efirmando que, «em tôda a mulher grávida, devem suprimir-se antes do parto os fócos de infecção, activos ou latentes, que a sua bôca alberga».

Passa em revista os cuidados estomatológicos necessários ao recem-nascido e creanças até aos 12 anos, mostrando os graves inconvenientes de vícios adquiridos nestas idades pelo uso de mamadeiras, chupêtas, guloseimas, etc.. Insurge-se contra o facto, tão vulgar, de oferecerem às creanças alimentos que elas são incapazes de digerir, transcrevendo uma narrativa dum autor espanhol que, pela sua leveza e oportunidade, é muito digna de ser apreciada. Demonstra os inconvenientes que há em não tratar dos dentes temporários ás creanças e em não olhar pela evolução do primeiro dente definitivo, o dente dos 6 anos. Êste dente, sendo o mais importante das arcadas dentárias, é, em geral, tomado como dente temporário e como tal desprezado. Acompanhado sempre de estatísticas colhidas em trabalhos que anda a realizar no Liceu Rodrígues de Freitas e Escola Primária Oficial de St.º Ildefonso, e várias outras, demonstra a necessidade de se olhar mais a sério pela infância. Cita a êste propósito palavras dos relatórios apresentados pelo distinto médico municipal Dr. Veiga Pires á Câmara Municipal do Porto, salientando a frase que aquele médico escreveu em 1923, ao referir-se à Colónia Sanatorial Marítima da Fez:— Vi e pasmei do criminoso abandono a que o Estado tem votado a assistência médico-escolar. E' inacreditável o que se passa no Porto, a segunda cidade de Portugal!

Referindo-se ao que viu na viagem que fez êste ano à Alemanha, Inglaterra, Holanda e Bélgica, apresenta contrastes interessantes. A propósito faz passar uma película cinematográfica que a Liga Portuguêsa de Profilaxia Social, a seu pedido, mandou vir propositadamente dos Estados Unidos da América, filme êste que, dando preciosos ensinamentos, mostra concomitantemente qual o género de cinema que naquela nação dedicam às creanças.

Êsse filme, com legendas em português muito explicativas, redigidas pelo conferente, levou a passar uns 10 minutos, apresentando um pequeno entrecho que prendeu a atenção do público. Dava ensinamentos sôbre os vários cuidados da bôca, ensinando especialmente a maneira de limpar os dentes, e mostrava como as lesões dentárias evoluem e como os seus micróbios passam para o sangue, prejudicando o indivíduo e causando doenças.

A seguir o conferente entra na segunda parte da sua lição, referindo-se às doenças a que estão sujeitos os que desprezam os cuidados estomatológicos. Cita casos interessantes de cancro, reumatismo, nefrites e outras doenças infecciosas com origem no mau estado buco-dentário. Refere experiências curiosíssimas que confirmam as suas informações. Fala em casos de surdez, de cegueira e até de loucura, com origem nos mesmos pontos. Passa em seguida ràpidamente pelas infecções devidas aos dentes do sizo, citando casos mortais. O facto de se verificar que as doenças dentárias produziam tantas doenças fez com que durante algum tempo, na América do Norte, se desdentassem os indivíduos seus portadores, o que era um exagero, que felizmente já passou. Mostra a importância que tem para a inoculação da tuberculose o mau estado bocal.

A seguir fala de várias doenças que necessitam de diagnóstico precoce, dependendo dêle, muitas vezes, a cura do indivíduo. Refere-se. como exemplo, ao escorbuto, diabétes, certas doenças de sangue, etc..

Lastima não haver quási nada feito em Portugal, a contrastar com a Espanha, onde há uma assistência modelar. Ao falar na assistência estomatológica prestada em Portugal, cita como boa organisação a da Delegação Portuguêsa da Cruz Vermelha no Funchal, que descreve com elogio.

Ao terminar mostra o regosijo que teve em ouvir dizer que a Câmara Municipal do Porto pensou em criar um Dispensário Estomatológico e 18 passagens dum relatório em que apresenta bases para a organisação dum dêstes Dispensários. Finalmente termina o seu valioso trabalho agradecendo ao público e formulando as seguintes conclusões:

1.ª — Sem pretender atribuír a tôdas as doenças uma origem buco-dentária, não tenho dúvidas em afirmar que muitas mais de que se julga provêem de infecções estomatológicas.

2.ª — Julgo, pois, de tôda urgência a organisação de uma ampla assistência estomatológica em Portugal, onde a despeito de uma morbilidade relativamente elevada, são ainda muito limitadas e dispersas as providências de profilaxia geral.

3.ª — Deve existir uma estreita colaboração entre o estomatologista e os outros especialistas, particularmente o ginecologista, o obstetra e o pediatra.

4.ª — Sem uma boa assistência estomatológica, nenhuma outra assistência será completamente eficaz.

Necrologia

Faleceram: nesta cidade, Carolina Rosa, solteira, de 70 anos; em *Verdemilho*, Maria Rosa de Jesus Furôa, viuva, de 70 anos; na *Prêza*, Sebastião de Oliveira, viuvo, de 76 anos; em *S. Bernardo*, Rosa de Jesus Nogueira, de 68 anos, casada com Manuel da Silva Marcelino; em *Solposto*, Rosa Rodrigues, viuva, de 79 anos e na *Povoa do Paço*, Tereza Marques, viuva, de 99 anos.

A MULHER

—o—

Eis como a definem:

Mulher magra é rabujenta.
Mulher gorda é preguiçosa.
Mulher loira é ciumenta.
Mulher morena é teimosa.
Mulher baixa é barulhenta.
Mulher alta é buliçosa.
Mulher feia é bolorenta.
Mulher bonita é vaidosa.
Mulher velha fujam dela.
Mulher solteira eu maldigo.
Mulher casada é um perigo.
Mulher viuva é funesta.
Conclusão: nenhuma presta.

Conforme...

Comando da Polícia

—o—

(Secção de Beneficencia)

MOVIMENTO DE DEZEMBRO

Receita

Saldo do mês anterior. .	226$21
Oferta do Ex.mo Sr. Comandante Casal Ribeiro	20$00
Oferta do Govêrno Civil.	600$00
Receita dos subscritores.	1.626$50
Soma. . .	2.472$71

Despeza

Distribuido aos pobres. .	1.629$50
Saldo para Janeiro	843$21

S. Gonçalo

—o—

Está em festa hoje, amanhã e depois o *santo casamenteiro das velhas* que se venera na sua capela do bairro piscatório.

E' a tradicional festa das cavacas, sendo este ano abrilhantada por duas bandas de música—a *nova* e a *velha*.

Secção desportiva

O Hungária em Aveiro

A despeito do mau tempo o campo de "foot-ball" enche-se de público que, por vezes, dá largas ao seu entusiasmo

Ficou plenamente demonstrado com o encontro de segunda-feira que as bôas organizações e os agrupamentos de valor têm público. Mesmo com o tempo chuvoso Aveiro apresentou outro aspecto e um movimento desusado se notou na cidade, tal era o interêsse que tinha despertado a vinda do campeão da Hungria até nós.

Os nossos visitantes, chegados no *rápido*, tiveram a esperá-los uma banda de música, os directores do *Sport Club Beira Mar*, aos quais se deve esta organização e muito povo, formando-se um cortejo que, descendo pela Avenida Central, se dirigiu à Associação Comercial onde, em francês, lhes apresentou cumprimentos de bôas vindas o advogado sr. dr. António Cristo, agradecendo, no mesmo idioma, um dos componentes da *èquipe* de Budapest.

O jogo, que devia efectuar-se no Estádio Municipal teve de ser transferido para o Campo de S. Domingos devido ao mau estado em que aquêle se encontrava.

A primeira *èquipe* a entrar no rectângulo foi a visitante, que é recebida pela numerosa assistência com uma prolongada salva de palmas, que se repetiu à entrada da selecção de Aveiro, que, não possuindo a técnica do adversário, se soube impôr e se mostrou aguerrida desde o primeiro momento até quando soou, pela última vez, o apito do árbitro.

O *team* representativo de Aveiro alinhou com os seguintes elementos: Franco (*Galitos*); Ramiro (*S. C. de Espinho*) e Verdial (*Sanjoanense*); Álvaro (*Oliveirense*), Gil (*S. C. de Esp*) e Piro (*Sanj.*); Ruela (*Beira-Mar*), Diogo (*Oliv.*), Décio, Maximiano e José de Pinho, (*B. Mar*).

As rêdes hungaras fôram as primeiras a ser visitadas por intermédio de Décio na marcação de um livre. A visita às nossas não se fez esperar, sendo pouco depois o *porteiro* hungaro novamente incomodado. Aveiro, aos 10 minutos, sofre o primeiro ponto, cedendo três cantos seguidos. Gil comete falta, sendo marcado um livre que Maximiano interceta. Décio marca novo livre contra os visitantes e a bola sai a razar a trave. Os nossos rapazes, que haviam esmorecido, reanimam, obrigando o *Hungária* a ceder canto.

Há agora vinte minutos de jôgo e as rêdes aveirenses estão a ser constantemente assediadas, dando lugar ao segundo *goal*. Há mais dois cantos a registar: um para cada *èquipe*. Porém o marcado por Aveiro foi mais perigoso pois Décio esteve prestes a modificar o marcador com uma oportuna cabeçada. Estamos a meia hora de jôgo e o forte *Hungária* sofre mais dois livres seguidos, sendo um brilhantemente defendido pelo guarda-rêdes e o outro saíu a poucos centímetros. O extremo direito hungaro atira um potente *shoot* ao *goal*, passando o esférico sôbre a trave e pouco depois Maximiano comete a mesma proeza nas rêdes adversárias. Décio, que mais do que uma vez se preparou para atirar forte, consegue agora marcar o que produz manifestações por parte da assistência. Os aveirenses, a trasbordar de entusiasmo, conduzem nova avançada e Décio, em luta com um defêsa, consegue *driblar* e serve Pinho em bôas condições, fazendo dest'arte o empate com que termina o primeiro tempo.

Na segunda parte apresentam-se as linhas modificadas, tendo entrado Lino em substituïção de Álvaro. O jôgo inicia-se na mesma toada e aos dois minutos surge uma grande penalidade contra Aveiro, que não surtiu efeito em virtude de a balisa a defender. Momentos depois o *Hungária*, que redobra de energia, marca de novo, ficando Aveiro com desvantagem de um tento. Minutos depois Décio obriga o *porteiro* hungaro a um lindíssimo mergulho, tendo Diogo uma belíssima ocasião de marcar. Aos 12 minutos entra José Ferreira em substituïção de Franco, que está magoado. Pinho atira forte ao *goal*, mas o guarda-rêdes, em último recurso, defende a murro, fazendo canto. Este marcado provoca outro que também não surte efeito. O avançado centro hungaro, que se tem mostrado de grande classe, atira a meia altura, conseguindo novo *goal* em virtude de Ferreira tentar fazer, a murro, uma defêsa de aparato. Os aveirenses, porém, não desanimam com êstes desaires obrigando os visitantes a cederem novo canto. Há uma avançada pela esquerda conduzida a grande velocidade, sendo o esférico enviado ao centro, tendo Kardos, sem dificuldade, conseguido a quinta bola. Os hungaros cedem novo canto, que Diogo tenta aproveitar, mas a balisa ampara enviada para fóra. A balisa ampara mais uma bola que bem podia ser o terceiro ponto dos aveirenses. São decorridos agora 25 minutos, saindo José Ferreira, que é substituído por Vieira, do *S. C. de Espinho*. Se aquêle teve deficiências êste não favoreceu a sua *èquipe*, pois três minutos após a sua entrada consente o sexto *goal* por sua culpa. Os hungaros cedem mais um canto, novas jogadas se sucedem e assim decorre o resto do encontro até ao final, sob a arbitragem de Artur Moreira. Mais quatro bolas fôram marcadas durante o resto da partida, três a favor dos visitantes e uma marcada por Décio que, a-pezar-dos seus 87 quilos, é dos melhores atiradores do *Beira Mar*.

Quási no final do jôgo e a pedido da assistência entrou, de novo, a ocupar o seu primitivo lugar Franco, dos *Galitos*, que dos três *porteiros* de Aveiro foi, sem dúvida, o melhor.

E assim terminou o encontro que teve a presenceá-lo umas 2.000 pessoas, ou seja a maior enchente até hoje registada no Campo de S. Domingos.

Beira-Mar--Anta F. C.

Ámanhã realiza-se no mesmo campo um encontro entre êstes dois grupos para apuramento do campeonato da segunda divisão.

Principiará ás 13 horas.

A.

Documento notável

—o—

O *grande panfletário* e *eminente jornalista* classifica assim os termos do acordam que confirmou a sentença contra nós proferida nos processos que nos moveu e acrescenta ter o nosso patrono ficado completamente *arrasado*.

Ora se o documento do acordam é notavel, que se ha-de chamar àquele que afastou do Exercito, por **incapacidade moral**, o capitão Francisco Manuel Homem Cristo?

E quanto ao nosso advogado ter ficado *arrasado* isso foi só na cachimonia do tipo, que sempre teve a mania de arrasar tudo, fazendo o publico estoirar de riso.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Elvira Andrade de Carvalho e Sousa, esposa do sr. Arnaldo Graça Soares de Sousa; a inocente Maria de Lourdes, filhinha do sr. capitão Arnaldo de Quina Domingues, comandante da P. S. P. deste distrito e o sr. Manuel de Figueiredo Prat, empregado na Agência do Banco de Portugal; àmanhã, o académico Alberto Branco Lopes, filho do sr. Francisco Pereira Lopes, sócio-gerente dos Armazens de Aveiro, L.ª; no dia 13, a sr.ª D. Maria da Apresentação Velhinho Geraldes, esposa do sr. Adolfo Geraldes, empregado superior dos correios e telégrafos e a menina Clélia da Conceição Neto, filha do sr. Cipriano Neto, chefe de secretária da Câmara Municipal; em 14, o sr. Ricardo Campos Júnior, filho do sr. Henrique Pereira Campos; em 16 o sr. João Evangelista de Campos, guarda-livros da Cerâmica Aveirense, do Canal de S. Roque e em 17 a sr.ª D. Laura Adelina de Moraes Sarmento, dilecta filha do sr. João de Moraes Sarmento, escrivão de Direito na comarca, o sr. Arménio Duarte de Carvalho, e D. Clara Genio da Silva.

Casamentos

No Porto efectuou-se no último sábado o enlace matrimonial da sr.ª D. Laura Mendes Bastos, irmã do sr. Platão Mendes Bastos, repórter fotográfico do Primeiro de Janeiro *e que há anos aqui residiu, com o estudante de medicina sr. José Correia.*

Serviram de padrinhos o irmão do noivo sr. dr. Virgílio Correia, professor da Universidade e director do Museu Machado de Castro, os irmãos da noiva e o sr. dr. Edgar Simões.

Os recem-casados seguiram para Coimbra aonde fixaram residência.

Gente Nova

Com muita felicidade, deu á luz uma menina a sr.ª D. Fernanda Pereira Manica, esposa do sr. Teotónio Manica, furriel de Infantaria 19.

Felicitamos os pais da pequerrucha e a esta apetecemos um futuro venturoso.

—Em Àgueda teve, igualmente o seu feliz sucesso, dando á luz uma creança do sexo feminino, a sr.ª D. Marília da Conceição Maia Neto de Sousa, esposa do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito naquela comarca.

Os nossos parabens.

Partidas e Chegadas

De passagem para Lisboa esteve nesta cidade de visita a seus pais o nosso amigo dr. Ernesto Nunes Vidal, médico no Porto.

— Também ante-ontem aqui cumprimentámos o nosso conterrâneo, tenente José Nogueira da Costa Branco, residente na capital.

— A passar as férias do Natal também aqui estiveram os estudantes Armando Ferreira da Cunha, aluno de engenharia da Universidade do Porto e Luiz Regala, quintanista de Direito em Coimbra e o capitão de mar e guerra, sr. Rocha e Cunha.

— Também se encontra em casa de seus pais, em S. Tiago, o sr. Jofre Almiro Gomes de Moura, que, dentro em breve, vai fixar residência no Porto.

Doentes

Já vimos na rua, quási restabelecido, o sr. dr. Manuel Marques Soares, que há pouco saíra do Hospital, onde esteve em tratamento devido aos ferimentos recebidos num desastre de moto.

— Tem obtido algumas melhoras a sr.ª D. Bárbara da Costa Crêspo, dilecta filha da sr.ª D. Adelaide Gamelas e Costa e que há bastantes dias se encontra de cama com quelmaduras numa perna.

— Há mêzes que se acha doente, inspirando o seu estado sérios cuidados, a esposa do sr. tenente Victorino de Almeida, do D. R. R. N.º 19.

Na Ilha da Madeira

—o—

Regressaram das festas do fim do ano que no Funchal atingem extraordinário brilho, os excursionistas aveirenses a que nos referimos, com excepção do sr. Alfredo Esteves e esposa, que, devido ao tempo, ficaram em Lisboa.

Um dêles a quem inquerimos das impressões colhidas, respondeu-nos:

— Deante do que vi e apreciei só lhe digo que a Ilha da Madeira é uma terra encantadora. E as festas que lá se fazem no dia 31 de Dezembro de cada ano não encontram outras que a elas se igualem. Aquilo vê-se—não se descreve. Mas a Madeira não precisa das festas para ser visitada. E' como uma menina bonita, que não precisa de pinturas... Em todo o caso as festas imprimem-lhe maior movimento, dão-lhe mais cor e são um atractivo indispensável—para muitos.

— E a viagem?

— Quanto a isso, a Empreza Insulana de Navegação provou o seu desinteresse, pois não poude ser mais gentil, tratando, por igual, todos os excursionistas do *Lima*.

A vida que passámos a bordo, áparte a viagem de ida, bastante tormentosa, jámais esquecerá. Se da Ilha da Madeira, neste momento cheia de flores, coberta de vegetação, ornada de plantas e frutos, troxemos saudades, do *Lima* e do seu comandante despedimo-nos deveras gratos por as amabilidades recebidas terem excedido tudo quanto, nesse particular, se houvesse calculado.

Agradecimento

Os presos indigentes da Cadeia Civil de Aveiro, vêm por êste meio agradecer a tôdas as pessoas que se dignaram conceder-lhes a esmola que muito contribuiu para minorar as agruras da sua situação na noite da véspera e no dia do Natal. Este agradecimento é extensivo aos generosos anónimos e especialmente ao que naquela noite mandou distribuir bacalhau frito, pão, vinho, castanhas e brôas do Natal.

Para o sr. José do Espirito Santo, carcereiro, vão também os nossos maiores agradecimentos visto que por sua iniciativa nos foram concedidas as esmolas de que falâmos e que mais uma vez sincera e comovidamente agradecemos.

Aveiro, 7 de Janeiro de 1936

Vêr a 4.ª página

IMPRENSA

«DEFÊSA DE AROUCA»

Há anos que principiou a publicar-se na ridente vila do nosso distrito um jornal que, *relegando a política partidária para um lugar secundário*, começou a tratar dos interêsses do concelho, fazendo despertar actividades e energias que estavam a dormir o sôno tranqüilo do indiferentismo, e a evidenciar-se pela maneira como vinha ao encontro do movimento patriótico em marcha, sendo um dos mais combativos órgãos da província. Esse jornal chamava-se *Defêsa de Arouca*, recordando-nos ainda do interêsse que despertou o primeiro número, a-pezar-de estarmos longe, e da alegria com que fôra recebido pela oposição democrática. Pois *Defêsa de Arouca* entrou agora, impávida, no 11.º ano, motivo por que lhe endereçamos cordeais felicitações, pedindo ao seu director, sr. Alberto de Almeida, seja o intérprete dos cumprimentos do *Democrata* para todos os seus colaboradores.

«O REGIONAL»

Com um número de 12 páginas também êste quinzenário de S. João da Madeira acaba de festejar a entrada no 15.º ano, sendo inúmeros os benefícios que se assinalam durante êsse lapso de tempo no novo concelho e que *O Regional* tem patrocinado com a maior das dedicações.

A Manuel Luís Leite Júnior, que o fundou e tem dirigido com inteligência e critério, os nossos parabens.

«LABOR»

Vai no n.º 69 esta revista de ensino secundário que se publica em Aveiro sob a direcção dos professores do liceu srs. drs. José Tavares e Alvaro Sampaio e na qual a sua classe se acha magnificamente representada na imprensa.

Honra lhe seja.

As Casas da Metrópole nas Colónias

A nossa administração colonial têve com a brilhante acção do Snr. Dr. Armindo Monteiro, como Ministro das Colónias, e não menos com a que tem sido exercida pelo actual Ministro, Snr. Dr. José Bossa, digno continuador da obra neste sector empreendida pelo Estado Novo, uma profunda transformação.

Precedeu-a a publicação do Acto Colonial, monumento jurídico em que o Snr. Dr. Salazar imprimiu perduràvelmente a unidade do Império com o vinculo indissolúvel de tôdas as parcelas do território nacional.

O largo esfôrço levado a cabe para a normalização da ordem administrativa, nas finanças alcançando o equilíbrio orçamental, que não dispensou o auxílio da Metrópole, e impondo regras de bôa contabilidade, nos serviços introduzindo, disciplina e moralidade, verificou-ss em periodo de agúda crise, o que faz ressaltar o seu valor e a atta compreensão do dever cívico e patriótico dos nossos colonos.

Só nessa base necessária de estabilidade financeira podia, a despeito das conseqüências de um passado económico desordenado, fazer-se assentar o ressurgimento que, através de tôdas as dificuldades resultantes da crise que não provocamos, os índices coloniais incontestàvelmente mostram.

Que seria sem essa política de prudência e de bom senso?

Os êxitos alcançados nas Feiras de Amostras e na I Exposição Colonial do Pôrto, cuadjuvados pela protecção dada ao nosso comércio com as colónias, revelam-se na mudança das posições da importação e da exportação dos produtos portugueseses entre as colónias da Metrópole.

Como complemento dessas diligências, foram criados pelo Decreto n.º 24.445, de 5 de Janeiro do ano findo, as Casas da Metrópole em Luanda e Lourenço Marques e a Casa do Ultramar, em Lisboa, com uma delegação no Pôrto.

Acabam de se instalar as Casas de Luanda e de Lourenço Marques, ás quais cabe um vasto plano de acção no estreitamento das relacões económicas e culturais das partes componentes do Império e no estabelecimento de fortes laços de solidariedade entre os seus elementos.

São suas atribuïções:

a) Fazer a propaganda dos produtos portugueses nas colónias ou na Metrópole com o objectivo de alargar e melhorar o seu mercado;

b) Estudar às carecterísticas especiais dos mercados colonial e metropolitano para melhor adaptação da produção portuguesa às suas exigências e necessidades;

c) Informar os organismos interessados (comerciantes, industriais, associações e corporações) e os govêrnos sôbre a acção que forem desenvolvendo, as características dos mercados e as possibilidades da colocação de produtos em cada momento;

d) Prestar procuradoria e agência comerciais aos organismos colectivos que as solicitarem, aos comerciantes e industriais portugueses ou estabelecidos em Portugal e ao Estado;

e) Organizar pequenas esposições de produtos nacionais nas localidades e ocasiões em que convenha fazê lo ou concorrer às que outros organizem; organizar feiras nas colónias para a venda de géneros portugueses a indígenas;

f) Facilitar por tôdas as formas a colocação dos produtos da agricultura e da indústria nacionais nos mercados, intervindo junto dos organismos oficiais para que tôdas as possíveis facilidades sejam dadas á expansão do comércio português;

g) Organizar missões comerciais de estudo e propaganda dentro da própria colónia ou nas colónias mais próximas;

h) Estudar as condições dos mercados nas colónias estrangeiras vizinhas, procurando fazer nelas a propaganda dos produtos portugueses, de acôrdo com os consules respectivos;

i) Fazer nos jornais locais e por meio de folhetos, cartazes, conferências ou outros meios a propaganda do esfôrço presente do ressurgimento nacional, procurando alargar o interêsse pelo movimento intelectual metropolitano feito com sentido nacionalista e pelo livro e pelo jornal portugueses;

j) Actuar junto da mocidade escolar para lhe fazer conhecer e amar Portugal nas suas belêzas, na sua história, nos seus valores morais e intelectuais, no seu esfôrço presente.

A sua acção animada pelo espírito nacionalista dos seus dirigentes e funcionarios, como é próprio das instituïções do actual regime, será tanto mais eficaz quanto tenha o apoio de todos os portugueses que pelas suas condições profissionais tenham ao seu alcance colaborar para engrandecimeeto do Império.

Do seu programa de realizações imediatas consta a organização e uma exposição permanente dos produtos das indústrias portuguesas que nos mercados coloniais podem e devem ter largo consumo e compensador lucro.

Para isso deverão os exportadores enviar para ali mostruários, o mais completo possível, dos artigos com que desejam concorrer a êsse vasto e muito abandonado campo de acção.

Choque de automóveis

O Snr. Antóaio Costa resolvera ir passar um domingo com seus pais que residiam em Coímbra. Metera-se de manhã cedo no seu automóvel acompanhado pela esposa e por um filho. A viagem, nos primeiros 100 quilómetros, decorrera magnífica. O automóvel deslizava pelas estradas a grande velocidade, com o motor a puxar bem, vencendo as subidas mais íngremes com uma facilidade e presteza que deleitava.

Uma bôa recta. Pé no acelerador. Atenção, curva apertada.

Foi precisamente nessa curva que o desastre ocorreu. Subitamente, fóra da mão, surgiu uma enorme camioneta em louca correria. Apesar-de ambos os conductores travarem a fundo, o choque foi brutal.

Minutos depois um automóvel que passou, transportou as vítimas ao Hospital mais próximo. O Snr. Costa ficou com graves ferimentos e um braço partido, sua Esposa sofreu algumas contusões e seu filho teve morte instantânea. Como o sr. Costa tinha previdentemente feito na Companhia de Seguros EUROPÊA um seguro «FAMILIAR AUTOMOBILISTA» — modalidade do ramo de acidentes individuais que esta Companhia acaba de lançar em Portugal — a apolice de que era titular assegurou-lhe, mediante o insignificante prémio anual de 300 escudos, uma idemnisação de 200 contos e o pagamento das despezas médicas e farmacêuticas em que incorreu!

Peça hoje mesmo informações sobre a apolice «FAMILIAR AUTOMOBILISTA» à Companhia de Seguros EUROPÊA — Rua Nova do Almada 64 — 1.º — LISBOA ou aos seus Agentes nesta cidade Srs. Fernando Matoso Pereira de Albuquerque e José Gustavo de Sousa.

Falta de padres

—o—

O sr. Cardial Patriarca, numa pastural recentemente publicada, mostra-se deveras apreensivo com a falta de padres, cujo número vê deminuir a olhos vistos.

Nós é que ainda não démos por tal...

Agradecimento

A família da inditosa Veridica das Dôres, na impossibilidade de agradecer por outra fórma ás pessoas que por ela se interessaram durante a doença e depois a acompanharam á última morada, vem fazê-lo por êste meio, manifestando a todas o seu indelével reconhecimento.

Aveiro, 8 de Janeiro de 1936.

Correspondencias

Costa do Valado, 9

Umas tantas raparigas e alguns rapazes da tuna percorreram, no domingo, o lugar, cantando em honra dos Reis Magos versos alusivos que fôram muito apreciados. Saindo da banalidade provou, assim, êsse magnífico conjunto o bom gôsto que o anima e certamente o há-de levar a novas iniciativas, de futuro.

Muito bem, rapaziada! Dêsse modo é que é divertir, cultivando a arte.

— Após a repetição dum ataque, faleceu na manhã de terça-feira na sua casa do Ramal, Felicidade Fernandes Vieira, viúva de Manuel dos Santos Carrancho, que deixa filhos já casados.

Tinha 63 anos.

— É esperado por todo o mês que vem, de regresso da India, para onde fôra há muito, o nosso conterrâneo, sr. Manuel Rodrigues Ferreira, capitão do exército ultramarino.

— As últimas chuvas, calando, fundo, nas terras, fizeram com que o nível da água subisse extraordinàriamente nos poços, alguns dos quais se acham a trasbordar.

Tardou, mas veio.

— Um azeiteiro ambulante da Palhaça viu-se, há dias, em palpos de aranha porque, dizem, se servia de medidas roubadas.

Parece que o caso foi entregue à polícia para deslindar.

O processo era engenhoso. Mas o pior são as duas mantas que o Diabo tem...

C.

Oliveirinha, 9

Não obstante a irregularidade do tempo sempre se realizou na Moita á festa da Senhora da Memória, animando-se o lugar durante três dias e dando ensejo a que nêle se juntasse bastante gente das circunvizinhanças e em alegre e fraternal convívio os passasse, sentindo-se feliz.

Para o ano ficou mordomo o nosso amigo David Manuelão, que recebeu o ramo.

— A feira dos 7 a-pezar-de fraca foi melhor do que se esperava, tendo-se feito ainda assim muitas e importantes transacções.

— As chuvas também por aqui fizeram alguns estragos materiais o que era natural devido à sua impetuosidade.

Mas consideramo-las um maná por haver muita falta de água.

C.

Vêr a 4.ª página

O mel

E' um facto incontestável que nêstes últimos tempos, graças a factores vários, tem aumentado — e nalguns locais consideràvelmente — o consumo do mel para alimentação.

Devemo-nos mostrar satisfeitos com esta atitude de parte da nossa população, que revelando um melhor conhecimento das virtudes dum produto natural que podemos considerar inegualável e que andou por largo tempo tão injustamente esquecido e até mesmo caluniado, vem simultâneamente abrir novos e promotedores horizontes aos apicultores portugueses.

Há, porém, entre os consumidores, predilecções e preconceitos, sem razão de existir e que tentaremos esclarecer.

Assim, no Centro e Sul do País, e é exactamente aos apreciadores de mel desta região, que dedicamos estas linhas, são freqüentes os meios de coloração clara, provenientes de determinadas zonas do Alentejo, Algarve, arredores de Lisboa, etc., etc.

São, na verdade, mais magníficos, agradabilíssimos ao paladar e à vista «os olhos também comem», colhidos pelas infatigáveis obreiras na flôr da larangeira, do rosmanhinho, do alecrim, das várias árvores de fruto e doutras plantas favorecidas pelos mistérios da Naturêza.

O consumidor habituou-se a apreciá-los, tentadores, ambarinos, dum loiro, «côr de mel» ou então esbranquiçados, líquidos, transparentes, nas montras tão sugestivas dum comércio inteligente.

Daí, e a fôrça de hábito é quási uma lei, passou a considerar que o mel puro é só aquêle que apresenta as características indicadas, o aspecto, arôma ou sabôr dos inegualáveis meis colhidos nesta parte do País.

Como conseqüência resulta os meis claros terem um largo mercado e uma cotação compensadora e exgotarem-se ràpidamente, especialmente em anos, como o actual em que a colheita foi escassa, senão mesmo, para a maioria dos produtores, nula.

Mas... Portugal não se limita ao Sul do Mondego. E é exatamente ao norte desta linha que tão bem delimita aspectos naturais e etnográficos da actividade nacional que a apicultura é mais intensamente praticada, que é maior o número de colónias de abêlhas.

O mel do Norte do País, colhido nas serras e nas baixas do Minho, de Trás-os-Montes, das Beiras, é tão puro e tão bom como o do Sul. São as mesmas abêlhas que o libam nos nectários, não, na maior parte dos casos da larangeira nem do rosmanhinho, mas sim, na quási totalidade, das várias urzes, das leguminosas, das tílias, etc., etc.

Não é, em quási tôda a região, claro, mas sim de tom carregado, acastanhado, por vezes, dum castanho bem escuro, ou avermelhado. Tem sabôr algo diferente, característico, por vezes mais intenso e mais ácido. Mas, sendo centrifugado, é tão puro, tão isento de cêra e de impureza como o mel claro e transparente, que tanto delicia os seus numerosos apreciadores. E se deixarmos os caracteres organolepticos e entrarmos na apreciação quimicabiológica, somos levados a concluír que os meis do norte do País, do Entre-Douro e Minho, das Beiras, de Trás-os-Montes, tão desprezados ou quási desconhecidos do consumidor do restante Portugal, são mais valiosos, como alimento e como tónico, do que os colhidos no Centro e Sul do País.

Enquanto os meios claros são insuficientes para o consumo na zona em que são conhecidos, o Norte que numa área inferior produz mais mel que o Sul, vê-se, por vezes, com um excesso de producão, que só devido aos motivos anteriores apontados, não tem um lógico e rápido escoamento. As cotações dos meis escuros — subordinadas a uma lógica discutível — são, em regra, mais baixas que a dos claros, o que se não nos afigura justo.

Torna-se necessário que o Centro e Sul conheça e aprecie devidamente os meis escuros do Norte e duma parte do Centro, que não pretendem, nem têm de desbancar, os que lhe são próprios e tradicionais.

Mais claros ou escuros, desde que sejam puros e centrifugados e não tenham sido sobreaquecidos, são igualmeute valiosos. Cada qual tem as suas características, arôma, paladar, coloração, e é natural que cada tipo tenha os seus apreciadores. O que não nos parece justificável é que, escasseando o mel em determinada região do País e abundando noutra, por uma questão de côr (mesmo mais do que paladar), ou por suspeições infundamentadas, se não recorra a êsse produto.

E' um êrro em que têm laborado muitos dos consumidores de mel — com gràve prejuíso para a apicultura nortenha — e que estamos certos, com as explicações que estas linhas encerram, deixará para o futuro de subsistir, com manifesta vantagem para todos.

Concurso

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Albergaria-a-Velha:

Faz publico que, por espaço de trinta dias, a contar da publicação deste no *Diario do Governo*, se acha aberto concurso documental para provimento do logar de amanuense da mesma Camara, com o vencimento anual de 300$00, e transitoriamente com a ajuda de custo da vida, também anual, de escudos 6.894$00.

Os concorrente deverão apresentar na Secretaria desta Camara, dentro do referido prazo, os seus requerimentos instruidos com os documentos exigidos pela legislação vigente.

Albergaria-a-Velha, 31 de Dezembro de 1935.

O Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal,

Bernardino d'Albuquerque

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 19 de Janeiro próximo, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na execução fiscal administrativa em que é exeqüente a Fazenda Nacional e executada a firma *Brandão Gomes & Companhia, Limitada*, com séde no Porto e que corre pela 2.ª Secção da 1.ª Vara dêste Juizo, chefe Cristo, se há-de proceder á arrematação em hasta pública, a fim de ser entregue a quem maior lanço oferecer acima da metade do seu valor, do seguinte:

Uma propriedade que se compõe de dois edifícios, um onde esteve instalada a fábrica de conservas, e outro que servia de habitação aos operários da referida fábrica e respectivo terreno anexo, sita em S. Jacinto, freguezia da Vera Cruz, da cidade de Aveiro, juntamente com cinco máquinas *Reinarts*, diversas; uma caldeira *Fouche*; um motor vertical *Davey*; uma bomba para água dôce; e uma dita para água salgada, no valor de 48.730$50, e vai à praça por metade, ou seja por 24.365$25.

Outrosim se procederá á arrematação no dia 26 do mesmo mês, também pelas 12 horas, no local, em São Jacinto, da dita freguezia, para serem entregues a quem maior lanço oferecer, dos restantes móveis penhorados á referida firma *Brandão Gomes & Companhia, Limitada.*

Pelo presente são citados quaisquer crèdores incertos para assistirem ás arrematações e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 12 de Dezembro de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Correia Marques

O Chefe da 2.ª Secção da 1.ª Vara

Julio Homem de Carvalho Cristo

A fechar

—

Entre amigos;
—Antes só, do que acompanhado com um amigo a quem esqueceu... a bolsa em casa.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,41 (tram.)	7,56 (tram.) Fig.
5,27 (correio)	9,41 (rápido)[2]
7,15 (tram.)	10,59 (correio)
10,22 (»)	13,23 (tram.) Fig.
12,56 (rápido)	14,03 (sud)
13,43 (tram.)	16,19 (tram.)
16,58 (»)	19,29 (rápido)
17,55 (sud)	21,51 (tram.)
18,30 (correio)	0,31 (correio)
21,09 (tram.)	Do Porto chegam tram. ás 19,05 e ás 20,39, que não seguem.
22,28 (rápido)[1]	

[1] Só ás 3.as, 5.as e sábados.
[2] Só ás 2.as, 4.as e 6.as.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,57	8,38
13,45	10,15
17,00	18,21
19,09	22,54

"O Democrata,,

ASSINATURAS
(Pagamento adeantado)

Portugal (ano)	20$00
Semestre	10$00
Colonias (ano)	30$00
Estrangeiro (ano)	40$00
Numero avulso	$30

ANUNCIOS

Na 1.ª pagina, linha	1$50
Na 2.ª » »	1$00
Na 3.ª » »	$80

Anuncios permanentes contracto especial.